

Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal



Boletim Informativo

Nº 1
3ª Série
Julho/ Agosto/ Setembro
2013

Publicação Trimestral

Distribuição Gratuita

Director: Provedor Anacleto da Silva Batista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia de Sardoal

Tiragem: 200 exemplares

Com o patrocínio da Freguesia de Sardoal



Editorial — “In Memoriam”

Ao retomarmos a publicação do Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, o primeiro editorial teria de ser uma memória de quem foi o seu criador, redactor e compositor ao longo dos anos da sua publicação mensal.

Não é nem o signatário conseguiria fazer ou escrever algo que viesse a reflectir o quanto representou (e representará para sempre) aquele que foi Corpo e Alma do Boletim.

Que tenha Descanso eterno e repouse na paz do Senhor. Nós procuraremos imitar o seu saber, a sua sagacidade, o incomparável saber com que fez durante mais de 18 anos a delícia de quantos o liam e apreciavam o seu sentido de escritor, de pensador e de narrador de acontecimentos que a todos deliciavam.

Esperamos que, neste recomeço, fique a boa vontade dos leitores para compreenderem as diferenças e aceitarem as incapacidades de quem assume a responsabilidade de Director.

A periodicidade será sempre que se torne possível, iniciando-se, para já, com carácter trimestral. Na medida do que se torne mais acessível, poderemos mudar para um menor período de tempo, se a arte e o engenho dos colaboradores tal consiga tornar possível.

Aceitaremos toda a colaboração dos que tenham boa vontade e queiram colaborar com notícias, informações e porque não “coisas” de outrora que deverão ser preservados para memória futura, como agora se diz e faz.

O Provedor

Boletim Informativo regressa passados 12 anos

Agosto de 1983 marcou o início daquele que viria a ser, ininterruptamente até 2001, o Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal. Manuel José de Oliveira Batista foi o mentor do Boletim que, passados 12 anos, volta a ter publicação, desta vez, trimestral.

Na “Nota de Abertura” do primeiro Boletim, lançado em 1983, lê-se que, na altura, havia “falta de um periódico” para

nele se ir deixando uma panorâmica “da vida interna da Misericórdia”.

Em 2013 retomamos a publicação do Boletim conscientes da importância que a comunicação tem entre a Instituição, os seus Irmãos e toda a comunidade. Com o Boletim pretende-se dar conta dos projectos da Misericórdia, noticiando tudo o que de interesse respeite à vida da Instituição.



Capa do Boletim Informativo - Julho/Agosto de 1989

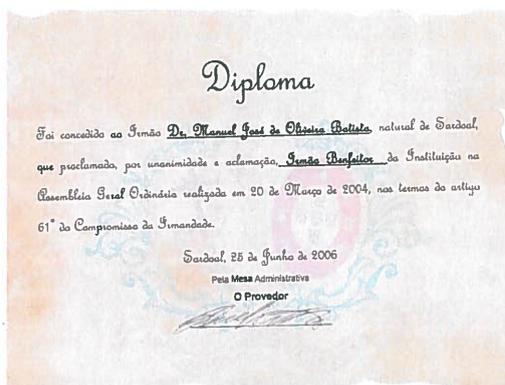


Manuel José Baptista, o “Irmão Benfeitor”

Manuel José de Oliveira Baptista foi Irmão e membro activo da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal, tendo feito um contínuo trabalho intelectual através de investigação da história e cultura do concelho.

Nasceu em Lisboa, mas residiu no Sardoal desde criança, tendo falecido a 6 de Janeiro de 2009, com 84 anos, vítima de doença prolongada. Segundo o Boletim Municipal “O Sardoal” (edição nº 17/ 2002),

o “Dr. Batista”, como era amavelmente tratado, foi ainda deputado na Assembleia do Município e, de 1983 a 2001, foi quem se dedicou à feitura do Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia, usando o seu “talento como historiador, através da revelação de múltiplos factos do nosso Passado”.



Ao longo de vários anos, o Dr. Manuel Batista fez trabalhos de investigação, consultando documentos na Santa Casa da Misericórdia, na Câmara Municipal e na Igreja Matriz da vila.

Em Dezembro de 2002, o Executivo Municipal de Sardoal aprovou que fosse concedida a Medalha do Concelho e o respectivo Título Honorário, distinções recusadas por Manuel José de Oliveira Batista. Também o Diploma que aqui apresentamos, datado de Junho de 2006, foi recusado pelo mesmo. Nele foi declarado, por unanimidade e aclamação, “Irmão Benfeitor” da Instituição.

Santa Casa marcha nos Santos Populares

A comemoração dos Santos Populares no Sardoal aconteceu nos dias 14, 15 e 16 de Junho e culminou com um desfile de marchas que juntou as Santas Casas da Misericórdia de Sardoal e Mação, a Filarmónica União Sardoalense, a Instituição José Relvas, de Alpiarça, e o GETAS, Centro Cultural de Sardoal.

O largo do Pelourinho, engalanado para o evento, ficou repleto de público que não se mostrou indiferente, nem à música tocada ao vivo, nem ao desfile dos mais novos e graúdos.

Cerca de 15 clientes da Santa Casa de Sardoal, acompanhados por colaboradores, marcharam vestidos a preceito, envergando arcos e balões coloridos em louvor de S. Pedro. Os marchantes estiveram à altura do acontecimento, ou não fossem os ensaios e horas despendidas para que tudo corresse devidamente. A cor e a alegria reinaram em dia de Santos Populares.



Os idosos marcharam na Praça da República, no centro da vila

Freguesia de Sardoal assina Protocolos de Cooperação com a Misericórdia

A Freguesia de Sardoal e a Santa Casa da Misericórdia assinaram o primeiro Protocolo de Cooperação em Dezembro de 2011 e, desde então, as duas entidades têm trabalhado em conjunto. Até à data foram assinados protocolos que permitiram criar condições de integração de jovens na instituição, preparando-os

para o mercado de trabalho.

Segundo o director da Santa Casa de Sardoal, João Carola, estes protocolos visam “contribuir para uma melhoria das condições de vida dos residentes, evitar a desertificação do interior e lutar contra a pobreza e a exclusão social”.



Sardinhada na Lapa anima idosos

O cheiro a sardinha assada já se sente no ar quando os clientes da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal chegam à Lapa. Há vários anos consecutivos que a Misericórdia proporciona aos clientes um dia diferente, fora da Instituição, em contacto com a natureza.

Foi no passado dia 25 de Junho que cerca de 50 idosos conviveram num ambiente festivo com alguns dos convidados e colaboradores do Lar, entre uma sardinhada, música e boa disposição. Alguns clientes jogaram às cartas, outros ao xadrez e os que podiam davam um pezinho de dança.

Esta não foi a primeira vez que José Rosa, de 84 anos, foi passar o dia à Lapa. Para o cliente, que está alojado na Unidade de Apartamentos Lúcio Serras Pereira, fez-lhe “bem ter ido conviver com os colegas”, uma vez que “são poucas as vezes que sai à rua”.

O objetivo deste tipo de iniciativas é proporcionar o convívio entre os utentes, os membros da Mesa Administrativa e os colaboradores da Santa Casa. Pelo fim da tarde os idosos regressaram à Instituição com um sorriso no rosto. O cheiro da Sardinha, esse, ficará na memória de todos até à próxima sardinhada.



Várias actividades preencheram o dia na Lapa

Dia dos Avós comemorado na Misericórdia de Sardoal



ouviram as concertinas, dançaram e aplaudiram os quatro músicos e as duas jovens que ainda se encontravam em fase de aprendizagem do instrumento, mas que fizeram as delícias dos idosos.

A tarde terminou da melhor maneira. Aos músicos foram oferecidas lembranças feitas pelos clientes e, antes do lanche que foi servido a todos, foi feita uma visita à Igreja de Santa Maria da Caridade, à Sacristia e aos Claustros, património histórico desconhecido pelos músicos e que os deixou impressionados.

O Dia dos Avós serviu de mote para o festejo que se realizou no dia 26 de Julho, na Santa Casa da Misericórdia de Sardoal. Os clientes do Lar e do Centro de Dia foram presenteados com a música do grupo de concertinas “Sons Lusitanos”, que tocaram, durante mais de uma hora, músicas tradicionais portuguesas, bem conhecidas do público sénior.

Foi no Largo do Convento, com o espaço apropriado para a comemoração deste dia especial, que os idosos

A celebração deste dia é uma data que tem sido assinalada já há uns anos pela Santa Casa da Misericórdia, tendo como objectivos realçar a importância dos avós na formação cívica dos clientes e ainda promover um convívio intergeracional.



Os quatro músicos animaram a tarde com música popular



“Histórias Reais” – Luís M. Inácio Pita

Dois senhores estão sentados num recanto da sala. Um está a pintar um desenho, enquanto o outro, de cadeira de rodas, ao seu lado, o observa silencioso. Há lápis de cor espalhados em cima da mesa e algum ruído. Assim que começamos a conversa, Luís Pita questiona-se que tipo de pássaros são os que estão no ninho que está a pintar. A sua imaginação é fértil. Cliente da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal há 18 anos, o seu passado está repleto de memórias e histórias que importam contar. Quando se pergunta a idade, a resposta é dada em língua inglesa e em alemão e, depois, diz a rir: “cinco dúzias”. Reformado por causa de uma doença crónica, nasceu em Alcaravela, Sardoal, em 1953, tendo começado a trabalhar aos 14 anos num escritório em Lisboa, cidade onde viveu mais de 20 anos. A família divide-se entre Alcaravela e Almada, mas a sua história faz-se um pouco por todo o país.

No verão da sua juventude, dedicou-se à hotelaria no Algarve, mas devido à sazonalidade, com o fim da estação, ia ficando sem trabalho. Resolveu aproveitar alguns cursos do Instituto de Emprego e Formação Profissional, como o de Desenhador Projectista, de Belas Artes e de Pintor Artístico, “do qual ainda tenho o diploma”, menciona com orgulho. O gosto por arquitectura era evidente. “Era uma área da qual gostava bastante e que ainda hoje me cativa”, mas “é preciso puxar muito pela cabeça para fazer um projecto e eu já não tinha essa capacidade”. Ainda pensou em ingressar num curso de economia, mas tal não passou de uma intenção.

Mais tarde, porque não encontrava um trabalho fixo e estável, regressou a Alcaravela. Pelo Ribatejo ficou, até que numa viagem de mota teve um acidente em Entre Serras, Abrantes, causando-lhe um traumatismo craniano, que lhe originou



mazelas até aos dias de hoje. Esteve 39 dias em coma num hospital em Coimbra e, refere, “já ninguém acreditava que voltasse a esta vida”. Ainda fruto do acidente de mota surgiu a epilepsia, que lhe causou perda de memória e um futuro incerto, mas é com um sorriso no rosto que conta que tem andado estabilizado: “desde há sete anos que não voltei a ter nenhum ataque causado pela doença”.

O Serviço Militar foi feito em Tancos, na Escola Prática de Engenharia, como condutor especial de artilharia, tendo feito também “o levantamento topográfico do Bairro da Encosta da Barata, em Abrantes”. A partir de Tancos correu todo o país com maquinaria militar, tendo disparado tiros “apenas com uma metralhadora. Calcule lá quantos?”, interroga para logo de seguida dar a resposta: “apenas dois ou três”. Esteve mobilizado para ir para a guerra para Cabo Verde. “Felizmente não fui. Quando cheguei a casa e contei à minha mãe ela fartou-se de chorar pois temia o pior”.

Quando questionado sobre a política actual, Luís Pita responde peremptoriamente: “disso já será mais complexo estarmos a falar”. Sobre o 25 de Abril de 1974 não se inibe. Quando se deu a revolução dos cravos estava em Santarém, “foi o Salgueiro Maia que nos foi avisar às camaratas o que se estava a passar. Era tudo uma novidade para nós.”

Na Santa Casa de Sardoal, Luís Pita gosta de pintar e fazer trabalhos manuais, tentando “estar ocupado e colaborar o mais possível”. Em tempos, andou na horta da Instituição, “para andar entretido passava dias inteiros a semear e a regar”. Com ar pensativo, Luís Pita volta a dar cor ao seu desenho. Uma vez mais, olha para o ninho de pássaros e desabafa: “este ninho não é fácil de pintar”. Há dias em que a vida é pintada a preto e branco, mas existem outros, onde reina a cor e a esperança.

